

Direcção: António Dantas, filho

Editor: Manuel Guimarães

Toda a correspondência relativa à redacção deve ser enviada para a sua sede: Rua Dr. Avelino Germano, 62—e a relativa à administração, para a Rua de Paio Galvão, 70.

Composto e impresso na Tip. Minerva Vimaranesse
Rua de Paio Galvão

O LUSITANO

Publicação semanal

Propriedade da Empresa de O LUSITANO

O Lusitano é o periódico vimaranense de maior tiragem e circulação neste concelho.

MARAVILHAS DEMOCRÁTICAS

O CONGRESSO DE AVEIRO

(Do nosso enviado especial)

O terrível confessorário

Tenho visto em livros e jornais algumas alusões ao confessorário, deixando perceber que é um pavoroso instrumento de tortura e opressão das consciências. E suponho ter sido sob esta impressão de terror que uma junta de paróquia do Pôrto teve a estrambótica idea de representar ao sr. Afonso Costa, o granvizir da nação portuguesa, para que abo- lisse a confissão. O facto é que a confissão mete medo a muita gente como um bicho de sete cabeças.

¿Donde provirá este medo, este pavor, esta desconfiança temerosa do confessorário?

¿Haverá realmente motivos ponderosos para temer essas edículas que nas igrejas se encontram acostadas às paredes?

¿Que mistérios absconos se passarão af dentro daquelas quatro tábuas que tanto estorrecem algumas almas de sensibilidade duvidosa? Nem no confessorário há mistérios que se não compreendam, nem tam pouco há motivos sérios para o temer.

Em muitas pessoas dá-se um estado de espírito, a respeito do confessorário, muito semelhante ao que se encontra noutras em relações à morte. Há pessoas tam doentamente nervosas que o pronunciar deante delas a palavra morte as incomoda horrivelmente. Não consentem que deante delas se fale no termo da vida; e, se por acaso este lhes ocorre à lembrança, fazem todos os esforços para que tal lembrança se desvaneça.

¿Quantas vezes não tem sucedido encontrar-se um enfermo nos derradeiros transes da vida e não querer contudo que lhe lembrem o desesperado estado em que se debate! Nem quer que lhe falem na morte, nem, com estar-lhe imminente, se resolve a encarar nela como numa fatalidade ineluctável. A parca inexorável apresenta-se-lhe frente a frente para que ele, o moribundo, a veja na sua viva realidade e sinta em todo o seu ser a sua algente aproximação.

¿E que faz o moribundo? Volta o rosto ora para um lado ora para outro, fecha os olhos como para evitar a visão dum fantasma apavorante. Já não tem esperanças de escapar ao golpe decisivo que o ameaça; e contudo prefere morrer de olhos fechados a contemplar a realidade inevitável que se lhe defronta.

Pelo contrário há pessoas que não temem a morte, que gostam de falar nela e até a desejam como o termo da sua dolorosa peregrinação terrena e como inicio duma nova vida mais venturosa.

¿Qual será a razão desta diferença?

A razão é esta: temem a morte aqueles que não querem pensar nela, aqueles que põem todas as suas esperanças neste mundo, aqueles que não creem na vida

futura ou que, crendo, não teem vivido em conformidade com essa crença.

Ora sucede dum modo semelhante a respeito do confessorário. Aqueles que o conhecem e o frequentam, não o temem, antes pelo contrário o estimam como um meio poderoso de apaziguar a consciência. E' ali que encontram as mais puras consolações; é ali que se reconfortam com as mais seguras esperanças; é ali que entreveem nas sombras do futuro a plena satisfação dos mais íntimos anseios da sua alma. Não consideram o confessorário como um instrumento de opressão ou de tortura, senão como um banho de salutare purificações, como uma fonte de bençãos consoladoras.

¿Quem é que teme o confessorário? Aqueles que o não conhecem ou aqueles que, levando uma vida desordenada e não querendo emendar-se, veem nele um forte excitador dos seus remorsos.

Não há motivos para olhar com desconfiança medrosa o tribunal da penitência. Ali o confessor não é um juiz absoluto e inapelável. Há de julgar segundo a lei, que todos podem e devem conhecer. Não é ele que faz a lei; a lei já está estabelecida e ele não faz mais que applicá-la e executá-la.

E' dura a lei? A culpa não é d'ele nem está nas mãos d'ele modificá-la. Quem de boamente se sujeita à lei divina e eclesiástica, não tem motivos para se apavorar com o confessorário; e quem se não sujeita a essa lei, também escusa de apavorar-se, porque o confessorário é-lhe inútil e desnecessário.

Se o penitente tiver fundadas razões de que o confessor não cumpre os seus deveres, não é obrigado a submeter-se à sua sentença; pode recorrer a outro ou a muitos outros, ao Bispo, ao Papa, até que lhe façam justiça. Demais, geralmente falando, ninguém é obrigado a confessar-se com um sacerdote que, pela cópia do seu saber e honestidade de vida, lhe não mereça confiança. A confissão seria um verdadeiro suplicio, se alguém fôsse obrigado a aceitar o juizo pessoal do confessor ou não tivesse liberdade de escolher o sacerdote a quem deva confiar os segredos da sua alma. Mas não sucede assim. O confessor não pode julgar segundo as suas ideas pessoais ou segundo os seus caprichos, mas em conformidade com as regras da moral estabelecidas e aprovadas pela Igreja romana; e, quando assim não proceda, o fiel não é obrigado a ajoelhar-se a seus pés e muito menos a curvar-se ao seu juizo.

Ora, sendo verdadeiras estas considerações que acabo de fazer, vê-se que são fantasistas mal intencionados os que falam de terrores e opressão no confessorário.

P. A.

O Lusitano, sempre deseioso de fornecer aos seus presados assinantes e leitores uma ampla e segura informação de tudo quanto se passa em volta da política deste engraçado e reinadio país, fez os seus cálculos e, como ainda lhe sobejassem da avultada despesa com que tem de arcar uns cobres para extraordinários, enviou, como era do seu dever e sem fazer subscrições entre os seus amigos, um repórter ao congresso do partido democrático realizado em Aveiro nos dias 5, 6 e 7 do corrente, a fim de colher todas as notas do que de importante ali se passasse.

O nosso colega enviado viu-se em calças pardas para poder conseguir um cantinho da sala, onde estivesse à sua vontade, e onde podesse tomar os seus apontamentos, sem lhe acontecer como àquele infeliz Firmino de Vilhena, que foi pôsto fora, por indecente e má figura, por ter cometido a burrice de aderir ao democrático, quando, no tempo da monarchia, atacou em *O Campeão das Provincias* uns excursionistas republicanos que do Pôrto foram a Aveiro.

O nosso enviado foi mais feliz que o tolo do Firmino, porque se meteu às boas graças com um democrático muito avançado a quem deu consecutivas datas de *excelência* que o faziam inchar por tal tratamento ouvir dirigido a sua democrática pessoa, pela primeira vez na sua vida, e conseguiu que este, a trôco de dois patacos que o nosso enviado lhe meteu na mão e que ele surratemente meteu no fundo dum bolso, lhe arranjassem um optimo lugar de onde podesse ver, ouvir e admirar até ficar pasmado, tudo quanto se fez e quanto se disse e tudo quanto se não fez e se não disse.

Temos, pois, notas mui detalhadas de tudo quanto se passou no importante congresso, mas porque o espaço nos falta, limitá- nos hemos a descrever os eloquentes e sapientísimos discursos dos nobres, genuínos, exactos, importantes, claros, experimentados, esmerados, acabados, reais, pontuais, certos, indubitáveis, incontestáveis, apreciáveis, notáveis, evidentes, decentes, excelentes, experientes, inteligentes, verdadeiros, legítimos, puros, autênticos, magníficos, correctos, rigorosos, escrupulosos, briosos, luminosos, distintos, integros, conhecidos, entendidos, práticos, rectos, minuciosos, majestosos, insignes, sábios, doutos, illustres probos, célebres, honestos, magnânimos, práticos, intemeratos, perfeitos, austeros, provados, versados, suntuosos, próprios e naturais representantes deste concelho.

No tempo da monarchia tudo eram estúpidos e quadradas cavalgadas nesta terrinha de Cristo; mas hoje, felizmente para todos nós e mais para o tio Afonso, Guimarães pode orgulhar-se de mandar ao sensacional Congresso de Aveiro homens de uma tal inteligência e cultura, que todos os adjectivos que ficam men-

cionados são ainda poucos, para os distinguir como merecem.

Margarides, Nespereiras, Sendelos, Freitas, Andrades, Mota Pregos, Rorizes, Costas, Meiras, Castros, Ribeiros, Vasconcelos, e tantos, tantos outros que a República atirou para a margem, são uns inúteis, uns bestiunculos que só teem inteligência, dinheiro e votos, e os homens de hoje, aqueles que em toda a parte representam, de uma forma galhardamente honrosa, a cidade e concelho de Guimarães, não tem nada disso, mas teem o resto que muito os dignifica.

A prova disso, irrefutável e indestrutível, está na brilhantíssima figura que os congressistas vimaranenses fizeram em Aveiro.

Narremos:

1.ª sessão

Os trabalhos corriam, ora lentos como um entérro a pé, que era quando falava S. I. o sr. D. Afonso, ora numa efervescência doida, que era quando os congressistas queriam falar todos ao mesmo tempo.

Os representantes de Guimarães levantavam-se e sentavam-se, esbracejavam, congestionavam-se, berravam, queriam falar, mas as suas vozes de cana rachada perdiam-se entre outras mais fortes e sonoras, não se percebendo nem patavina do que elles diziam.

Por fim, depois de muitos esforços e já quasi esganiçado, um d'elles sempre, numa entreaberta da vosearia, conseguiu fazer ouvir ao presidente:

—Eu também vim aqui. Eu também quero falar. Peço a palavra.

Todos se voltaram para o lado de onde partiu aquella voz e, no mais amável dos sorrisos, disseram uns para os outros:

—Deixemos falar aquele sujeito que, de certo, é de Paio Pires e deve ser engraçado.

O presidente, depois de consultada a assemblea, deu a palavra ao nosso representante e este, empertigando-se todo, puchando os punhos e ageitando o colarinho, procurou dar ao rosto uma expressão de tristeza e depois duma profunda reverência a S. I. principiou:

—Meus senhores: Isto vai mal, mesmo muito mal. Os tempos estão muito bichados. (*Apoiados*). Não se pode ser patriota de mãos vãs porque está tudo pela hora da morte. (*apoiados de um lado e protestos do outro*). Isto de andar por aqui a prégar é muito bom para quem já comeu fazer a digestão; mas o que há de digerir quem nada comeu ainda? (*risos*). Eu sou um patriota arreigado, um democrático sincero, mas o patriotismo e a democracia não enchem barriga. (*grande algazarra*). Imaginem os meus illustres e queridos amigos que para eu poder vir aqui foi necessário fazer-se uma subscrição. A algazarra subiu ao seu auge vendo-se cadeiras no ar e ouvindo-se distintamente brados de— Fora pelintra!

Como já ninguém se entendia no meio de aquele borborinho o presidente agitou febrilmente a campainha e encerrou a sessão.

2.ª sessão

Para evitar a zagarata havida na primeira sessão, em que todos queriam falar e ninguém se entendia, o presidente fez uma inscrição dos oradores, os quais iam abrindo o bico na altura que lhes tocava.

A certa altura diz o presidente: —Tem a palavra o cidadão representante de Lordelo.

O nosso representante cofia a pera hirsuta, toma pose e exclama:

—Sr. presidente e meus senhores: De longes terras vim para pedir a este congresso as mais enérgicas providências sobre os factos que, com a sinceridade que me caracteriza, vou narrar. E' necessário que este congresso reclame imediatamente ao governo que demita, sem perda de tempo, o administrador do concelho de Guimarães. Este funcionário não deve continuar por mais tempo a exercer tal cargo, porque, como facilmente vou provar, não só não o exerce com o zelo que é preciso, mas também está ilegalmente investido nele. Em Guimarães havia um corpo de policia composto de um chefe e vinte guardas. Como últimamente a imprensa desse com a língua nos dentes, que é o mesmo que dizer com as letras nos olhos dos leitores, não houve remédio senão fazer-se uma sindicância aos actos da policia. O que nessa sindicância se apurou foi tam revoltante e tam vergonhoso que tiveram de ser expulsos nada menos do chefe, dois cabos e dez guardas.

¿Pode admitir-se que o administrador, que é quem tem responsabilidade directa nos actos da policia, que é o seu commissário, podesse ignorar os factos que se apuraram, de si tam importantes que determinaram uma limpeza quasi completa?

¿E se os ignorava pode consentir-se que continue no seu cargo depois das provas de desleixo que patenteou?

Mas há mais, senhor presidente e meus senhores:

Esse funcionário, por honra da republica, não deve continuar no exercicio do seu cargo porque acumula o lugar de veterinário municipal com o de administrador, o que é intolerável.

Depois de muitos apoiados seguem-se no uso da palavra outros oradores.

3.ª sessão

Depois doutros oradores, levanta-se o nosso representante de Serzedo.

As suas primeiras palavras— meus senhores— assemelham-se ao ribombo medonho do trovão e todos os rostos se voltam para o lado donde parte aquela tempestade, procurando já alguns a porta da rua para se safarem; mas vendo que era um inofensivo homem que tanto susto havia metido, deixaram-se outra vez ficar, mudos e quedos como penedos.

O cidadão serzino, ou serzedino, queríamos dizer, continuou:

Meus senhores: No ponto em que estão as coisas, uma de duas: ou se é talassa ou se é democrático. Os democráticos são os homens da força e os talassas são uns burros. (muitos apoiados).

Eu sou um democrático de gema.

E' verdade que quando o António Zé foi a primeira vez a Guimarães, eu fiz-lhe os meus tagatês, fui também dos que assinaram um papel a convidar o povo a fazer-lhe uma ruidosa manifestação, e olhem que foi imponente! fui ao jantar de festa, mas soufri uma desilusão.

Corri-lhedisfarçadamente a mão pelo peito e vi que elle não tinha tétas.

Quem não tem tétas não pode dar sumo; todavia sempre esperei a ver se elle fazia govêrno e como vi perda de derradeira esperança tratei de fugir a sete pés e acolhi-me novamente sob a gloriosa bandeira democrática.

O orador teve de meter a viola ao saco e raspar-se com vento fresco porque os ânimos estrugiram com brados de:— fora o vira-casacas!

Levantou-se então uma figura olimpica, majestosa, recheada, que foi recebida com uma estrondosa bateria de palmas.

Era o nosso representante de Santa Cristina.

Serenada a delirante ovação o orador alonga o braço direito, coloca o dedo indicador em posição vertical e pronuncia com toda a solenidade:

—Achei!

Todos o olharam com visível espanto procurando desvendiar immediatamente o misterioso segredo contido naquela palavra.

O orador, todo ufano por se ver alvo de tantas atenções, prosegue magistralmente:

—Disse eu que achei, meus senhores, e compreendo a vossa natural curiosidade em saber o que, visto que vo-lo não disse.

Aí vai com toda a clareza.

Achei, meus senhores, a chave do segredo que há muito envolve o ministério das finanças e folgo de ver aqui o sr. ministro porque vai dar-me razão e aproveitar a minha idea mandando pô-la em prática.

O segredo que envolve as finanças é a falta de corrente, ou seja a falta de dinheiro.

Sabemos que uma das riquezas maiores do país é, sem dúvida, a agricultura.

Aqui é que está o busilis, que é como quem diz a chave do segredo que eu achei.

O nosso lavrador é ainda o mesmo rotineiro de há cem anos. Não há meio de lhe meter o progresso na cabeça e porisso as terras não produzem a décima parte do que deviam produzir.

O bruto do nosso lavrador ainda continua no condenável hábito de adubar as terras com estrume de curral e outras porcarias e enquanto se não adoptarem medidas com as quais se obrigue o lavrador a abandonar os antigos processos da adubação das terras e a adoptar os grandiosos produtos scientificos modernos, que são os adubos químicos, o tesouro público não apelará vintem, dois centavos queria eu dizer.

Para prova do que afirmo aqui tem os meus caros correligionários dois exemplares de nabos. O mais magro é da Pisca e o gordo é cultivado por mim. Vê-de que diferença!

E' necessário que vos convençeis todos, meus senhores, de que o grande mal do país está na agricultura e o desta na adubação das terras.

Urge que o govêrno se interesse por uma e outra coisa e que, sem a menor tardança, decrete que nenhum lavrador possa adubar as suas terras senão com os especiais adubos químicos, fórmulas garantidas, da casa O. Herold

& C.^a, marca trevo de quatro folhas.

Desta forma ficará salva a pátria, o centeio e as batatas.

As palavras do orador são acolhidas com estrondosas gargalhadas, sendo em seguida os dois espécimens de nabos muito admirados pela assistência.

4.ª sessão

Na altura que lhe competiu tomou a palavra o nosso representante de Rendufe.

Levanta-se com ar triunfante, bamboleia a sua bélica figura para a esquerda e para a direita, coça um ouvido com o dedo mínimo e grita como um pocco:—

—Não há valor nenhum que ao meu se iguale. Ajude-me S. I. com o seu mágico poder e não há almeidistas nem talassas que me metam medo na eleição do meu círculo. Há de ser minha e muito minha. Ajude-me S. I. e verá.

S. I. D. Afonso interrompe o orador e, esboçando o melhor dos seus sorrisos, diz, todo assucar em ponto de rebuçado:

—A minha vontade está sempre ao lado dos meus correligionários e muito mais quando, como o meu querido cidadão, me garantem uma vitória eleitoral. Diga pois em que lhe posso ser útil e pode desde já crer que será servido.

—Pois então, exclama radiante o nosso orador, posso também desde já assegurar a V. I. que venci a eleição.

O auxílio que solicito é pequenino e sem importância alguma como vai ver. Trata-se sómente de dar o voto aos milhares de homens que eu administro.

—Tê-lo hão, fique certo, disse S. I.

—Nem outra coisa era de esperar, continuou o orador, de pessoa tam iluminada como V. I.

Eu sou administrador do cemitério. Faça V. I. com que os mortos votem e adeus almeidistas e talassas que irão votar commigo todos os defuntos.

Salta de todos os lados do congresso uma troça desmedida e o presidente, que ainda tinha sobre a meza os nabos da sessão antecedente, prega com elles nas ventas do orador.

Fala agora outro nosso representante.

Não imaginem que elle foi para Aveiro embarcado e que de Barco falou às massas.

Não senhores. O orador e nosso representante estava ali em carne e osso, no meio da assemblea já irrequieta com os discursos dos seus colegas.

O nosso homem, arrostando contra todos os obstáculos, arrancoo bem do íntimo estas singelas palavras:

—Intangibilidade Augusta: eu vim aqui sómente para protestar e portanto protesto e tenho dito. S. I. olhou-o de soslaio, deu um piparotezinho na ponta do nariz e exclamou muito aturdido:

—Cidadão: dizer que protesta não basta; é necessário que diga ao Congresso contra o que lavra o seu protesto, afim de lhe ser ou não aceite.

—Oh! com todo o gôsto. Protesto enérgicamente contra a escolha desta terra para a realização deste senacional congresso.

Como toda a gente aqui, com raras excepções, anda de patachã, os nossos inimigos, quando regressarmos à parvónia, dirão, para nos arrelhiarem, que vamos de Aveiro sem sapatos. (muitos risos).

Mas esta gente é evidentemente muito estúpida.

Uma voz:

—Sr. congressista, eu sou de Aveiro e...

—Retiro a ofensa no tocante a v. ex.^a e illustre família, mas há de concordar que tenho razão.

—Porque é que o povo de Aveiro...

A mesma voz:

—O Pulha de Aveiro se faz favor.

—O que v. ex.^a quizer.

—Mas porque é que o pulha de Aveiro anda todo descalço? (risos destemperados).

—Acaso não sabe essa gente que hoje se obtem calçado por um preço ridículo e de bons cabedais?

Lá quanto a cabedais eu posso garantir ao Congresso que em Guimarães se fabricam esmeradamente e que os seus preços são muito em conta.

Tanto em couro de azeite, vitela ou vaca argentina, bezerro da terra, couro...

A mesma voz anterior:

—Mas o Congresso não é casa de negócio.

O nosso representante entupiu, meteu a fala ao buxo e não disse mais nada.

A assistência expande-se numa gargalhada sonora.

5.ª sessão

Canta agora o mais lindo melro da nossa admirável colecção.

Este é que é o principal e legítimo representante cá do burgo a quem está confiada a alta missão de assegurar os nobres créditos desta antiga cidade.

O orador levanta se, esgaravata com o fura-bolos os buracos do nariz, assoa-se com grande estrondo e, para melhor ser visto, sobe para cima duma cadeira principiando:

—Cidadões! Cesse tudo quanto a antiga musa canta que é este o orador que se alevanta. (gestos de indizível admiração na assemblea).

Eu vou falar, mas não me sofequem por que posso morrer aqui empanzinado.

Os congressistas que estão próximos do orador desviam-se o mais que podem, dizendo uns para os outros:

—Cautela, não vá elle rebentar. Entretanto elle continua.

—O progresso, cidadãos, tocou a meta da civilização e a civilização a meta do progresso, e como a civilização tocou a meta do progresso o progresso tocou a da civilização.

Um congressista, com ar de troça:

—Era duma vez um sapateiro que tinha uma perna de pau à porta e uma lanjeira...

O orador muito avermelhado:

—Eu já disse aos cidadãos que me não sofecassem e se me sofecam então calo-me e não sabem o que perdem.

O mesmo congressista anterior:

—Havemos de perder grande coisa, não ha dúvida.

O orador:

—Pois então não digo mais nada. Ia demonstrar de forma precisa as vantagens do moderno pó de sabão sobre o antigo sabão mavelo em latas de folha, a superioridade das navalhas suecas sobre as francesas, recomendar o uso da pedra humeda e do sublimado para desinfecção, mas assim continuei com o sabão mavelo e com a bandolina de píbedas de marmelo.

O nosso representante, muito senhor do seu nariz, desceu da cadeira e sentou-se em quanto na sala se ouvia uma voseria enorme.

Terminado o barulho levantase outro nosso representante.

E' uma figura alta, esguia, negra, feia, que assusta os congressistas e os faz enregelar até à medula.

O seu aspecto tem qualquer coisa de sinistro e os seus gestos desmesurados causam pavor porque parece que os membros se lhe desconjuntam.

E' cambaio das pernas e o nariz alonga-se à semelhança do bico da coruja.

E' mais um nosso representante que vai fazer uso da fala.

O orador tossiu, enguliu em sêco, descreveu uma curva para a frente com o seu enorme corpo e ronquejou:

—O Mário, o Mário eis o grande patife.

Ou elle ou eu, senhores con-

gressistas, notem bem, ou elle vai para a rua sem mais aquelas ou eu me vou embora.

Um congressista muito exaltado:

—Irre que é de mais! Estes delegados de Guimarães julgam que isto aqui é alguma casa de doidos!

O orador:

—Perdão, sr. congressista, mas o Mário...

Várias vozes ao mesmo tempo: —Rilhafoles, Rilhafoles, Rilhafoles!

O presidente dá-se pressa em agitar a campanha para restabelecer a ordem e como o não conseguisse, pois os congressistas cada vez se exaltavam mais, teve de encerrar a sessão com prejuizo dos oradores que ainda faltavam.

6.ª sessão

Depois de aberta a sessão e feita a inscrição dos oradores, um congressista pede a palavra para tratar dum negócio urgente e consultado o congresso este consente que o orador fale.

—Meus senhores. Eu fazia uma bela ideia do que fosse a cidade de Guimarães. Nunca lá fui mas, segundo informações que tinha, supunha que, como essas informações me diziam, lá houvesse oradores de talento, advogados e médicos distintissimos, grandes proprietários muito inteligentes, negociantes e industriais muito hábeis, mas, com franqueza, sou forçado a mudar de opinião em face dos delegados de lá que teem falado.

Ou êsses senhores não são representantes de Guimarães ou, se o são, foram feitos por meio de batota.

Como o orador falasse com bastante força o eco repetiu nitidamente a última palavra—batota.

—Já vejo, diz o orador, que mais alguém é da minha opinião e portanto, tendo como seguras as informações que me deram, direi:—foi batota, batota, batota! O eco repete-se:—batota, batota, batota!

—Sr. presidente, torna o orador, ou v. ex.^a, visto que quasi todo o congresso é da minha opinião, não consente que fale mais nenhum dos de Guimarães ou então eu e vários amigos faremos uso de batatas e cebolas de que viemos munidos.

Um nosso representante não pôde ter mão em si e exclamou:

—Mas, sr. congressista, isso não pode ser. Os homens não se podem medir pela mesma rasa, nem as batatas pela mesma bitola.

Eu ainda não falei, mas asseguro a v. ex.^a que sei falar e que trago uma idea genial que há de ser muito apreciada pelo congresso.

Deixe-me falar, pois, e não perderá pela concessão.

O congressista:

Respeitando-lhe os seus cabelos quasi brancos concedo. Sr. presidente deixe-o falar.

Em virtude deste consentimento o nosso representante, que é uma figura simpática, toda tirada das canelãs, cata rapada à laia de frade e os ombros tortos, acerca-se da mesa da presidência e, sem mais preâmbulos, dispara este discurso à queima roupa e tam rápido que ninguém pode interrompê-lo:

—Sr. presidente, Intangibilidade Intangível e srs. congressistas:

Há já muito tempo que não durmo nem convenientemente me alimento porque não posso fazer uma coisa nem outra por trazer todas as minhas atenções prêsas às necessidades do nosso país.

Vejo que as calamidades que o avassalam são enormes e isso me traz profundamente preocupado, de tal forma que em outra coisa me não é dado pensar.

Torna-se urgente procurar remédio para tam perigosos males e é nisso que eu tenho parafusado de dia e de noite.

O grande guardasol da pátria está desarranjado e tem as varetas desconjuntadas.

Ora parece-me que fazendo-se

uns buracos novos nas pontas das varetas ou metendo-lhe uns engastes postigos bem seguros, se poderão unir outra vez por meio dum arame de zinco ao carrinho e fica um concôrto perfeito.

Verão como elle abre e fecha bem.

—Isto não pode ser, sr. presidente, grita um congressista furioso, este ainda está pior do que os outros todos. Fora! Fora!

Os gritos de fora, fora, succedem-se ininterruptos e o orador, muito a pesar seu, vê-se obrigado a calar a caixa e a meter-se de baixo duma cadeira com receio de que as coisas passassem a mais.

Seguem-se vários oradores, mas já ninguém se entende, tal é o borbórinho que reina na sala.

A certa altura levanta-se uma figura sorumbática, uma fisionomia parada, um rosto cheio, sem expressão alguma, tendo resguardados por vidraças uns olhos fundos e apagados.

Agita-se freneticamente, volta o taciturno rôsto em todas as direcções, move os lábios parecendo mastigar e em voz cavernosa, que mais se diria saída do inferno do que dum homem, diz muito entarazeladamente, com uma convulsiva tremura do queixo:

—Grande é o teu poder Suprema Intangibilidade; por isso te chamam forte e as gerações te chamarão o único senhor.

Um congressista:

—De onde é o sr.?

—Eu sou o presidente da comissão...

—Ninguém lhe pergunta o que o sr. é. Pergunto-lhe de onde é e responde breve.

O nosso representante ficou de tal modo aturdido que parecia um cadáver.

Quería falar mas o receio embargava-lhe a voz; porém, como o congressista de novo lhe perguntasse quem era, fez um apêlo a todas as suas forças e balbuciou:

—Eu sou de Guima...

Não pôde, porém, acabar.

Os gritos de fora, fora, soam de todos os lados da sala, vêem-se punhos no ar, cadeiras em riste e uma chuva de batatas e de cebolas se dirigem para o sítio onde o orador se encontrava.

Este, porém, já se havia esgueirado, deixando após si um aroma bem pouco agradável e só se soube que elle se havia escapulado para o hotel por um fiosinho de liquido que elle deixou no trajecto que percorreu.

Mais tarde os seus colegas, procurando-o, foram encontrá-lo desmaiado na retrete do hotel.

Eis aqui a forma brilhante por que Guimarães se fez representar no Congresso do partido republicano de Aveiro e os importantissimos discursos dos seus representantes legítimos e mais todos os adjectivos do princípio.

Representantes do concelho de Guimarães!

Sim, representantes por batota. Ah! Margarides, Nespereiras, Sendelos, Freitas, Andrades, Mota Pregos, Rotizes, Costas, Meiras, Castros, Ribeiros, Vasconcelos e tantos, tantos outros que a república atirou para a margem!

Como êles próprios vos vão vingando!

Zé Feles.

Novo cinematógrafo

Com as sensacionais fitas
A caminho pelas montanhas
Tempos de 49

e várias outras de renome, será hoje inaugurado no Salão Teatro Gil Vicente, que sofreu grandes transformações, um novo cinematógrafo denominado

Central Chanteleur

O aparelho que, segundo nos informam, é dos mais aperfeiçoados, foi adquirido na casa Harry de Paris, vindo propositadamente instalá-lo, um sócio da casa.

As películas são da reputadíssima casa Kalem.

TRIBUNA LIVRE

O Sr. Afonso Costa em Setúbal

Se o partido do Sr. Afonso Costa não tivesse demonstrado desde o seu início ser um partido que tem a Intolerância por princípio, o Enxovalho por base, e a Desordem por fim, bastavam os sucessos de Setúbal no Domingo passado, para que essa política, a que preside o chefe do Governo, fôsse condenada por todos os republicanos portugueses.

O leitor sabe o que se passou. O Partido Republicano Evolucionista de Setúbal convidou o nosso conterrâneo Dr. Alfredo Pimenta para realizar uma conferência política no Teatro Avenida daquela importante cidade, no passado Domingo. O Dr. Alfredo Pimenta aceitou. O órgão jornalístico do Sr. Afonso Costa, tinha há tempos claramente ameaçado os evolucionistas de Setúbal, de que se produziram tumultos caso o referido conferente lá apparecesse. Mas o Dr. Alfredo Pimenta que desconhece o que seja recuar perante o cumprimento do dever, e sem temer as ameaças de ninguém, para lá partiu como é sabido, disposto a prègar como sempre, a doutrina da Tolerância política e religiosa, de Respeito mútuo e da Ordem.

E quando o conferente entrava na parte essencial do seu discurso, foi interrompido com o bater de pés dos representantes do Sr. Afonso Costa, os quais, não possuindo mentalidade suficiente para defender a política do seu pastor, manifestam as suas ideias com a sola e pregaria que lhe guarnecem as respectivas plantas.

Estes os factos. Já em pleno regímen chamado republicano, os oradores autenticamente republicanos e autenticamente honestos, não podem expôr as suas ideias em público.

A indignação que nos causam os processos de combate postos em prática pelo Sr. Afonso Costa, representado em quasi todas as terras do país, pelo que de pior há na sociedade portuguesa, é de tal ordem, que nós, pouco habituados a excessos de linguagem que no nosso feitio não cabem, sentimo-nos neste momento dominados em demasia, para deixarmos passar em claro, sem os nossos mais ardentes protestos, essa política de arruaça, que se está desenhando dia a dia por esse país alèem.

Não é o coração dum irmão que aqui está falando. Não é o sentimento da amizade que aqui está vibrando. É simplesmente a razão consciente dum modesto cidadão republicano que, vendo como estão sendo esfarrapados os princípios da legalidade e da ordem, pelos homens que arbitrariamente se acolheram debaixo da bandeira nacional, entende ser seu dever flagelar impiedosamente esses inimigos da Pátria que em Lisboa, no Pôrto, em Santarem, em Aveiro e em Setúbal estão tramando contra a própria integridade nacional, que só poderá manter-se havendo paz nas ruas e paz nas consciências.

Pois quê? Pode haver sociedade organizada, govêrno digno, regímen florescente, estando a dirigir os destinos dessa sociedade, dêsse govêrno, dêsse regímen, homens que tem por lèma a Desordem, o Enxovalho, a Arruaça o Insulto, a Pedrada?

Em que ponto da Terra se vê um govêrno duma nação proteger os perturbadores das conferências públicas, os organizadores de atentados dinamitistas contra casas de espectáculos, os assaltantes de clubs à mão armada, as sociedades secretas, sem lei, e por fim, manda perseguir as associações agrícolas com estatutos aprovados, com regula-

mentos legalizados, funcionando à luz do dia, claramente e honestamente? Onde se vê? Em Portugal sob o reinado do Sr. Afonso Costa.

Haverá hoje neste país quem tenha a coragem de, com o seu nome por baixo como eu o faço, desmentir os factos apontados, que afinal são do domínio de toda a gente, desmentir a afirmação de que no poder está um govêrno que protege arruaceiros, que persegue os verdadeiros republicanos, e que (suprema irrisão!) se intitula intrusamente republicano, mas que está calcando diariamente os princípios modernos de todas as repúblicas modelares?

Se no Partido do Sr. Afonso Costa ainda existe algum homem que tenha a alma verdadeiramente republicana ou esse homem está surdo ou cego, ou então a estas horas deve estar preparando a sua declaração pública de abandono dêsse partido.

Um partido político que se arroga o pomposo nome de democrático, que nega aos seus adversários políticos o direito de opinião, fica por este facto fóra do campo digno e nobre dos princípios. Um partido que inscreve no seu programa o direito da arruaça, do apupo, das vaias, aos seus adversários, é um partido sem nome.

Não há hoje em Portugal um verdadeiro republicano que seja capaz de patear um orador político que desassombradamente esteja expondo as suas opiniões. Só o faz quem nunca possuiu a alma republicana que é toda tolerância, respeito, harmonia, delicadeza.

O Sr. Afonso Costa devia ter nascido antes de D. Miguel I pois nêsse tempo de absolutismo puro, em que os constitucionais eram corridos a cacete pelas ruas, o Sr. Afonso Costa poderia dar largas aos seus processos de combate.

Hoje não. Pode o Sr. Afonso Costa praticar todos os atentados contra as liberdades públicas, com a sanção da maioria parlamentar, pode sua ex.^a perseguir a Propriedade, a Crença, a Tolerância e a Educação, que todos êsses atentados terão o seu carácter provisório, e o País, na vida altura, saberá dar ao Sr. Afonso Costa a lição tremenda que lhe abrirá completamente os olhos.

Esperemos. Mas daqui até lá, digamos o que se nos afigura ser um dever dizer-se. E por isso mesmo, no uso sagrado do livre direito de opinião, nós, desta modesta terra de província erguemos a nossa voz, protestando contra o espirito de desvairamento que está embriagando o poder, e negamos, com a autoridade que nos dão os factos, a qualidade de republicanos e de patriotas a todos os que seguem a política do Sr. Afonso Costa.

Porque, êsses mil e tantos homens que em Aveiro estiveram reunidos, poderão ser muito boas pessoas, muito sabedores e muito paltores, mas o que não são certamente é republicanos, patriotas desinteressados e capazes dum sacrificio em defesa da sua terra.

Não são mil e tantos republicanos. São mil e tantos Afonsos Costas, mais capazes de patear um conferente, do que manifestar com palavras o que porventura possam pensar.

São mil e tantos perturbadores dum País de Trabalho e de Ordem que eles apostaram em tornar um País de luto e de desassossêgo.

São mil e tantos perturbadores que à sombra da bandeira da República, que Manuel de Arriaga tam nobremente segura, pretendem abafar a voz dos republicanos portugueses que pela Pátria sacrificam o seu bem estar, a sua fortuna, e a sua própria vida!...

Tudo isto vem a propósito da estada do sr. Afonso Costa em Setúbal, no domingo passado...

Rodrigo Pimenta.

Poeta Solitário

Já a primavera ao longo refugia pelas franças do trémulo arvoredo, pelo agudo piar da cotovia, p'lo chilo da andorinha meigo e lèdo, pelo odôr que esvoaça no Céu azul de casa, p'la mansidão tam limpa da corrente levando p'ra onde passa a sandosa toada sempre à frente. Descia vagaroso das alturas, toldado já de nevoas noturnais, o Astro-Rei que alimenta as criaturas e'o calor de seus seios virginais, quando a rir meus segredos, eu vendo a minha aldeia deixava atraz a serra com penedos, monstros quietos sp'rando a lua cheia. Eu vinha de soltar meus ais na Penha, a Cintra onde o amor se desvaneca, fugido para lá como da brenha onde vive e c'os dias mais se aquece sem a brisa do mar, sem a aragem dos montes, sendo-lhe abrolhos o lacrimar da alma cerrada para os horizontes. Da encosta ao meio já no povoado, junto dum tronco colossal de braços diviso um vulto d'homem que sentado me dá p'ra devanear pequenos traços: —Era jovem ainda mas seus cabelos brancos mostram-me uma sandade ou dor infinda por uma imagem linda que vê em solavancos! Melancólico, triste, com a vista, talvez desde manhã, se banha no volume já em lista das vitimas sangrentas de Marat; de braços sobre os joelhos não vê ao longo arroios como espelhos, não presencia as torpes arribanas nem o fumejar ténue das cabanas, não admira ainda o último clarão da luz que vai findar, mas em compensação Robespierre, Danton, Salméron torna a pronunciar! Qual Milton ou Castilho não me vê imbebe-se nas páginas e lê!... Como o eremita preso ao breviário nos matagais da Arménia ao vir da Lua revê letra por letra o seu fadário sem reparar na estrela que fluctua, assim, sob o pinheiro das Marinhas, também um pensador se acolhera p'ra soletrar as lihas que um da *marca* escrevera às estrelinhas como de paz e amor! Conheci-o, porque êle de repente, retirando da face então pendente a mão que a encobria, deixou-me vê-lo à luz que se extinguiu. Olhando para o ar não vira o Céu que azul era de mais para o olhar seu; revera sim a copa do pinheiro que a sussurrar inquieta, lhe segreda o calão de marinheiro na boca dum poeta!—

A noite ia ser fria; principiava revolta a briza a murmurar! E um guieiro descia em liberdade, à solta a rir-se, a cagoar!

Eu tive medo ali... Naquela solidão um democrata parcia-me raivoso javali occulto nos silvados duma mata! De mais a mais um dia (p'ra mim dia fatal, único e só!) ameaçou-me c'o a sua hidrofobia sem piedade e dô!...

Quando segui em silencioso passo pensei deixar inerte ou a sonhar essa figura simbólica de Tasso que morreu nesta vida a meditar.

A noite fóra um sonho e na manhã do dia que se seguiu mandei-o buscar a ver se estava lá mas já ninguém o viu!

Uma moçoila de olhos esgazeados, no sorriso trazendo a primavera, tam fresca como os cravos rociados fóra quem disse conhecer quem era: —Por 'qui todas as tardes, sempre a ler!... Triste, meto-me pena!... 'inda ontem, ao passar, lh'ouvi dizer que... 'steve em Santa Helena...

Ontem anoiteceu e êle deixou-se estar!... O pai, coitado, o pobre dum velhinho chegando tarde a casa, não vendo o queridinho veio-o aqui encontrar!—

Romeu.

Os andadores modernos

—Adeus, ó fulano, como estás?
—Bem, obrigado. Então o que há?
—Vê lá com quanto queres subscrever para a despesa do delegado do Centro ao congresso de Aveiro.
—Eu?! Nem cinco réis. Quando quero passear vou à minha custa.

Beijos de jumentude

Doçuras (Capítulo II)

Quem dera, meus loiras, que o código afonsino decretasse muitos congressos em Aveiro!
Que deliciosa paz na capital e provincias!

O *sor prior* Mariano remeteu de Aveiro, com uma carta muito amável, duas dúzias de barriguinhas de ovos moles ao Sr. Gonçalves Neves, membro da Comissão jurisdiccional.

Lamentava sua grandeza, ser aquela oferta uma insignificância para pagar os benéficos *sinapis-mos* que pelo «Século» de 28 de Março, o Sr. Neves lhe applicou. A' mostarda responde com doçurinhas de Aveiro!

No congresso de Aveiro, depois dos *manos* Afonso e Alfredo Magalhães, quem melhor discursou foi o frei António de Espairo *mai-lo* Justininho! O primeiro na *língua de Cícero* disseram sobre as vantagens higiênicas da mudança das célebres ossadas da Atouguia, sendo benzidas pelo prior Mariano; e o segundo, em *mirandês*, sobre a importância da introdução do canto Gregoriano nas escolas, cantina e creches a sê cãrrego!

Quem dera ouvi-los!

Ali o Lial, da Oliveira, ouvindo falar em congresso, músicas e *cantilenas* republicanas é de opinião que se inscrevam os *cidadãozinhos* num curso de harpa e dança!

E banhos Kneipianos diários, grátis!

Mestre Crispim Azeitona de S. Dâmaso, endoidece só ao pensar que não o consideram republicano afonsista!

Descanse, rotundidade, descanse, pois, todos sabem que você é republicano *afonssissimo* e que faz falta, grude e até revolução... nos preços das botinas de polimento e nas sandálias à frei António!

Que não é republicano!?

Ora essa! — e capaz de pôr em debandada, a tira-pé, todos os *Jovens da Católica*!...

Mas... não leve o corpo, Azeitoninha, não leve!

O *loiras!* quando virão de Braga o Vieira de S. Damaso, o Freitas e o Leite de Abação? O honrado e brioso Tenente Abreu Lino, que já cá está, há de gosar um pouco vendo os fungões amigos de *alguns amigos* que o julgavam perdido e que certamente agora o cobrem de flores e parabens!

Use botas à Frederico, meu Tenente!

A *nina* «Alvorada», desta vez sempre mostra que lavou o corpinho e a alma, lá na *ria de Aveiro!* Muito honesta, altruista e verdadeirinha até na *noticia* do Congresso.

Lá assim, sim.

Tadinha! frei António a fade bem!

Duas flores oferecidas ao Presidente da Câmara de Guimarães, a propósito do projectada construção da praça de touros, pelo bondoso, sentimental e enternecido sr. General Flores:

«Esperamos dos altos sentimentos de generosidade e de condolência pelo sofrimento dos animais, que exornam v. ex.^a, o seu valioso auxilio perante as instâncias officiais, a fim de que se não realize tam barbaro empreendimento, etc., etc.

Pois, meu General, ainda que aquela virgula à frente dos *animais*, fôsse um pente de purissimo oiro do Ofr, um chicote maravilhosos ou uma-daquelas compridas agulhadas alentejanas,—

eu é que não queria tal *exornação* ainda que me fizessem presidente da República ou Padre Santo, mesmo das *instâncias officiais*!...

Porêem, meu General, abaixo o curro e viva o arádo!

A inteligente professora de Prazins, Ex.^{ma} D. Maria Adelaide Dantas, na festa da árvore em 6 de Abril (?) disse que tal festa, longe de ser *maçónica*, como por aqui dizem os *ignorantes e os maus*, era de grande alcance moral e educativo e, como viam, nada tinha de maçónica, etc. e tal...

Quanto a ser maçónica ou druidica, tal funçanata, isso é lá com o poeta Padre Silva Gonçalves e com outros *ignorantes e maus*, como êle.

E, aqui para nós, Sr.^a minha, que a pequenada aprendesse a *natação e equitação*, scientifica e prudentemente administradas, seria optimo, sobretudo num *estado* que se confessa neutro em matéria de cultos!

Festa maçónica a da árvore!?! Ai, madama! só os *ignorantes e maus* lastimam que mestre Froebel, fundador dos jardins da Infância, o ignorasse!

Mas, lá que a árvore é utilissima, sobretudo o marmeleiro... não nego, antes abundo nas ideias do Justininho Abúndio!...

Lopespaio.

Dr. Vieira de Andrade

Após prolongados e cruciantes sofrimentos faleceu na passada quinta feira o sr. dr. António Vieira de Andrade, distinto caudilco vimaranense, pai dos nossos presados amigos João, Jesualdo, António e Virgílio de Andrade.

Os seus funerais tiveram lugar ante-ontem, na igreja da Misericórdia, com extraordinária concorrencia, sendo o cadáver do saudoso extinto conduzido ao cemitério municipal no carro funerário da V. O. de S. Domingos.

No cemitério foram organizados dois turnos: O primeiro, pelos srs. dr. António Portas, dr. José de Oliveira, dr. Alfredo Peixoto, dr. Rocha dos Santos, Gaspar Ribeiro da Silva e Castro e António Carneiro.

O segundo, pelos srs. José de Freitas Costa Soares, Rodrigo Dias, Jerónimo de Castro, Bento José Leite, António José da Silva Ferreira e Padre Abílio Augusto de Passos.

Sob o fêretro foram depostas diversas corôas, última lembrança de seus filhos, da sobrinha e nora, dos sobrinhos e do cunhado, as quais foram conduzidas pelos srs. Manuel Brandão, Vicente Silva, Bento José Leite e Lopes Martins.

A' família enlutada, especialmente a seus filhos, nossos presados amigos, enviamos o nosso cartão de sentidas condolências.

Foram encarregados do funeral os conhecidos armadores Eugénios e Joaquim Novais.

COMUNICADO

Outra sindicância que se impõe

Sr. director

Terminada, com o melhor êxito, a sindicância aos actos da policia civil por ter sido feita por um cavalheiro da maior seriedade e da mais provada honradez, outra sindicância seria necessária na repartição dos impostos municipais que, sendo feita com o superior

critério da da policia, daria em resultado tambem uma vassourada mestra que, aliás, se torna indispensavel para que a moralidade possa entrar naquela casa fiscal.

Se v... mo permite, sr. director, irei, nas colunas do seu jornal, fornecendo alguns subsídios para esta história, subsídios que provarei e dos quais tomo inteira responsabilidade.

Eis o primeiro caso:
Agostinho Martins da Rocha, sub-chefe da fiscalização dos referidos impostos, foi, pouco antes da Páscoa, acompanhado de dois guardas seus subordinados a casa de Manuel Pereira Martins, do lugar do Paço de Além, freguesia de Lordelo, com o fim de passar uma busca ao seu estabelecimento.

Como este se não encontrasse em casa appareceu-lhe a mulher, a quem o sub-chefe perguntou pela avença ao que ella respondeu que seu marido a tinha guardada de sua mão.

O sub-chefe invectivou-a dizendo que bem sabia que ella a tinha e perguntou-lhe onde tinha a carne de porco, respondendo-lhe a pobre mulher, com toda a franqueza, que a tinha na casa da sua residência pois não era para vender mas sim para consumo particular.

Então o sub-chefe puchou dum retrato e mostrando-o à mulher disse-lhe que aquilo lhe dava o direito de entrar em toda a parte e que queria ver onde ella estava, convidando nesta altura um individuo que casualmente ali se encontrava a fazer de cabo de ordens, em seguida ao que entrou na casa, vasculhou tudo à sua vontade e apreendeu-lhe a carne de porco que immediatamente fez conduzir a esta cidade onde foi vendida por 15000 réis.

O pobre taberneiro além de perder a carne, que tinha fora do estabelecimento para seu consumo, ainda teve de pagar mais 8000 réis, pois lhe disseram que o produto dela não chegara para a multa.

O taberneiro instaurou contra o sub-chefe e subordinados o competente processo, em que provará tudo isto e muito mais, e tambem que o mesmo sub-chefe disse a alguém em Vizela *que tinha estado a pensar de noite como havia de arranjar dinheiro para as festas e que deu um passeio a Lordelo e logo o arranjou de sobra.*

São muitos os abusos de toda a espécie praticados pelo sub-chefe da fiscalização dos impostos Agostinho Martins da Rocha e são tam frequentes que quasi se torna impossivel enumerá-los.

Esta creatura, que se encontra ainda envergada de autoridade para cúmulo da infelicidade dos contribuintes dêste concelho que vendem géneros sujeitos ao imposto camarário, nunca poderia estar na corporação a que pertence, porque lhe faltam as qualidades que são o orgulho de todo o funcionario público, e porque a sua qualidade de falido o torna incompativel com o cargo que exerce e nelle não deve continuar em face dos êrros que tem praticado.

M.

COMPANHIA DE SEGUROS A POPULAR

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

FUNDADA EM 1902

Capital autorizado Rs. 500:000\$000

Telefone n.º 2460 — Enderêço telegráfico: LARPOPU

Rua dos Bacalhoeiros, 125, 2.º

LISBOA

Correspondentes em Guimarães — PIMENTA & C.ª

Com estabelecimento de fazendas brancas, miudezas, etc.

24, Rua de Paio Galvão, 28

ATENÇÃO!

Só na **Sapataria Académica** à Rua Dr. Avelino Germano, 36 (antiga Rua de S. Paio) é que se encontra o calçado mais bem acabado, e por preços que ninguém ousa competir.

Garante-se a superior qualidade nos cabedais empregados nos calçados.

Trabalho, o mais perfeito, e preços muito mais económicos que em qualquer outra sapataria de Guimarães.

Uma encomenda pois, que será a prova mais cabal do quanto se afirma neste anúncio.

Colégio de Santa Maria

(PROPRIEDADE BRASILEIRA)

GUIMARÃES

Abriu este estabelecimento de educação e ensino no palacete da Madroa.

Tôdas as familias que pretendam inscrever suas filhas, podem fazê-lo nos estabelecimentos de modas, ao Tournal, dosex.^{mos} srs. Camilo Alves de Almeida e Oliveira e Silva, ou dirigir-se à Directora no edificio do Colégio.

FOTOGRAFIA MODERNA

— Rua de S. Dámaso, 10 —

GUIMARÃES

Nesta acreditada fotografia executam-se com a maior presteza e máxima nitidez, todos os trabalhos fotográficos pelos mais modernos processos como sejam:

Retratos platina, sais de prata, etc.

Ampliações em todos os tamanhos até ao natural de qualquer fotografia por mais pequena que seja.

Retratos em porcelana, madeira e seda. Admiráveis retratos reclame, a 400 réis a meia dúzia.

Belas miniaturas para medalhas, a 250 réis a meia dúzia.

Postais fotográficos, a 900 réis a dúzia.

Ampliações inalteráveis de 50 centímetros, a 1\$500 réis.

Esta fotografia possui um excelente material, o que há de mais aperfeiçoado, o que permite executar todo e qualquer trabalho e com a máxima perfeição, operando com todo o tempo.

Tomam-se encomendas fora do atelier sem aumento de preço.

Prefiram este atelier a qualquer outro, pois é o único com quem ninguém pode competir em preços e perfeição.

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

MACHINAS SINGER PARA COSER
QUE VÃO DIRECTAMENTE
DAS
FABRICAS AO COMPRADOR
VENDA ANNUAL: 2.000.000 DE MACHINAS

ESTABELECIMENTOS SINGER
EM TODO O MUNDO

NÃO CABEM
JÁ NAS
MACHINAS
PARA COSER

SINGER

MAIS
APERFEIÇOAMENTOS
NEM
MECHANISMO
MAIS
EXCELLENTE

MAXIMA LIGEREZA.
MAXIMA DURACÃO.
MINIMO ESFORÇO
NO TRABALHO. →

Avenida Candido dos Reis — GUIMARÃES

OS LUSITANO

Publicação semanal

PREÇO DA ASSINATURA
(Pagamento adiantado)

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES
(Pagamento adiantado)

| | |
|---------------------------------------|------------|
| Portugal, Ultramar e Espanha | |
| Sem estampilha. { Ano. | 1\$200 rs. |
| { Semestre | 600 " |
| Pelo correio { Ano. | 1\$300 " |
| { Semestre | 650 " |
| Trimestre | 400 " |
| Estados U. do Brazil (ano) | 1\$800 " |
| Países da União Postal | 2\$400 " |
| Número avulso | 30 " |

| | |
|--|--------|
| Anúncios e comunicados, por linha | 40 rs. |
| Repetições, por linha. | 20 " |
| Permanentes, contrato convencional. | " |
| Reclamos, no corpo do jornal, até | " |
| 5 linhas, cada um | 100 " |
| Anunciam-se as publicações que o mereçam, mediante um exemplar g. ratis. | " |
| Anúncios, não judiciais, para os srs. assinantes, 25 % de abatimento. | " |

P. LUÍS DIAS DA SILVA

SERMÃO DA IMACULADA CONCEIÇÃO

pregado na igreja matriz de Fafe, em 8 de Dezembro de 1912; acaba de ser editado num elegante opúsculo, precedido da narração do

interessante episódio que determinou a sua publicação.

PREÇO, 60 RS.

Pelo correio 65 rs.

Pedidos à Tip Minerva Vimaranesse
R. Paio Galvão—Guimarães

OS LUSITANO

I Ano

Publicação semanal de Guimarães

Num. 44

Ex.º Sr.